

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º a entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3,800	1,800	5950	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	4,800	2,800	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5,800	2,800	—	—

18.º Anno — XVIII Volume — N.º 607

5 DE NOVEMBRO DE 1895

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



## CHRONICA OCCIDENTAL

Se, os vivos teem um dia para os mortos, terão os mortos um dia para os vivos?

Devem tel-o E é o mesmo.

Amanheceu chuvoso o dia de defunctos. O outomno sacudiu das arvores as folhas, que dançaram em torno dos marmores brancos, sobre o chão lamacento. A atmosphera pesada espalhou-se em nossas almas, envolveu-nos n'um nevoeiro os cerebros e os corações.

Toda a manhã dobraram os sinos. Os sinos eram tristes a dobrar na manhã chuvosa. Os paramentos dos padres eram negros e todos vestiam de luto nas egrejas. *Requiescant in pace*, dizia o padre e, na oração, que se erguia a Deus, «descançam em paz os mortos» diziam todos os que não tinham paz, porque eram vivos.

E os sinos dobravam e a chuva cahia. Crescia o nevoeiro nas almas.

Começou a romaria aos cemiterios

D'ambos se vê o Tejo, n'elles se ouve cantar o vento dos temporaes, n'elles os lamentos do mar bravo, sabido do abysmo profundo, mysterioso como o das nossas almas, como o abysmo das almas insondavel.

Lamentava-se o mar, lamentavam-se as almas, como se não houveram consolação.

Se, os vivos teem um dia para os mortos, terão os mortos um dia para os vivos?

Mais tarde, o sol appareceu entre as nuvens rotas com um sorriso pallido. O céu de outomno illuminou-se. Iriaram se as gotas d'agua pendentes da folhagem verde-negra dos cyprestes. Os parades do cemiterio começaram chilreando.

Os parentes, os amigos entraram sobraçando flores para os parentes, para os amigos mortos. O campo da morte matizou-se de mil côres e ainda no ar se baloiçavam perfumes, quando, essa noite, a lua, a sonhar no céu, deixou cahir a mortalha branca do luar sobre os tumulos.

É bom amar os mortos, que elles pagam-nos, melhor do que os vivos, o nosso amor. Elles consolam-nos das nossas lagrimas pelas saudades das alegrias curtas da vida, pelos erros em que vamos cahindo, pelo desespero negro do que foi ou do que fomos; elles moderam com o balsa-mo d'uma esperança a dôr impertinente d'esse riso de palhaço em jejum, com que saudamos, hypocritas, as alegrias dos outros e fingimos as nossas.

Uma legião de entes queridos, cujos beijos guardamos no precioso relicario das nossas almas, descança eternamente n'aquellas vallas, n'aquellas covas, n'aquelles tumulos.

A Morte matou o orgulho, a inveja, as ambições, as rivalidades. Vivos e mortos une-os o amor purissimo. Amemos os mortos, que elles pagam-nos, melhor do que os vivos, o nosso amor.

Todos temos n'um cemiterio um canto ensombrado pelos cyprestes, que nos é mais querido, do que a casa onde nascemos, do que o chão em que brincamos. E' ali que repousam os entes que foram amados, ali que devemos talvez descançar um dia. Vamos enche-lo de flores, para que pensemos n'elle com maior desejo, com mais intima alegria; para que os espectros nocturnos não venham a horas mortas amachucar-nos os corações para que os mortos nos appareçam entre sorrisos, como santelmo de bonança.

Amemos os mortos e não duvidemos. Amemos os mortos e amemos a Morte, a Morte branca, a Morte boa, a Morte que nos dá forças para a vida.

Não duvidemos. Não lhe perguntemos, sacrilegos, d'onde vem, se do céu azul, se do negro abysmo. Quando ella baixar sobre nós o seu olhar tão suave como um crepusculo, não lhe perguntemos se vem com a manhã, se vem com a noite a luz consoladora em que nos banha.

Que nos deve importar as horas a que chega? As suas azas são brancas como as dos cysnes, longas e recortadas como as das aguias, feitas para voar para os altos, não como as dos morce-

gos para descer ás cavernas. Os seus beijos teem filtros que desenham sorrisos nas boccas dos que morrem. O seu olhar, o seu sorriso abrem os bates das portas do Infinito almejado e desconhecido.

Bate no silencio da noite o pendulo do relógio. — *Esto memor! Esto memor!* — A noite da vida, humida, desconsolada, cheia de calafrios e de aniedades, ha de acabar uma vez. — *Esto memor! Esto memor!* — A Morte ha de trazer-nos uma aurora. Fugiremos um dia d'este oceano feito de lagrimas, onde o vento da desgraça bate com as ondas negras sobre o lodo na aridez da praia deserta, fugiremos para um outro todo claro, todo azul,



SARAH BERNHARDT

profundo, onde brisas perfumadas enfunarão as velas em viagem para o ideal conquistado.

Bemaventurados os que teem o dom da evocação, os que podem levar as noites conversando com os fantasmas brancos que veem inclinar os rostos amigos sobre os nossos leitos, passar-nos sobre os cabellos as mãos, que tantas vezes beijámos em vida, dar-nos em seus olhares serenos ondeousem os nossos serenamente.

São muitos e veem sempre que os chamamos. São muitos, são metade dos que amámos. São os que nos ampararam nos primeiros passos vacilantes, hauriram os nossos primeiros beijos, ouviram-nos balbuciar as primeiras orações por elles ensinadas. A Morte, sphinge que elles já conhecem como boa, como santa, levou-os para o azul immaculado, d'onde descendi aos nossos gemidos, para nos consolar nas saudades, nos dar força nos desanimos.

São muitos, São os irmãos que amámos, que amaram como nós o que nós amámos; são os amigos, companheiros das nossas alegrias e dos nossos trabalhos; são todos os que foram uma esperança, palavra que se não liga a um passado, e, se o foram, morreram.

Do fundo abysmo, onde pairam as trevas d'uma noite fria, cheia de blasphemias, de uivos, de gritos desesperados, de horrores, imploramos a piedade dos que foram, dos que se livraram, dos que descem, quando os chamamos, n'um raio de luz crepuscular, etherea.

E elles consolam-nos, porque os chamamos, e elles amam-nos, porque se sentem amados.

Bemaventurados os que teem o dom de evocação. O perfume do passado penetra em todo o nosso ser, como um fluido consolador, que na alma sequiosa entorna, com a saudade, um antegosto de outra vida muito placida na claridade eterna de estrellas desconhecidas, tranquilla nas lentas harmonias das cordas dos corações cheios de amor.

Nas madrugadas soturnas, depois de noites de febre, de delirio, de esquecimentos amarguradamente procurados, veem elles batendo as azas, desde o céu altissimo, pousar em nós o olhar com reprehensiva doçura, lembrar-nos que não devemos com a mentira salvar-nos d'outra mentira, e, quando os nossos olhos se enchem de lagrimas, fecham-nos as palpebras com os dedos carinhosos.

E é como se nos dissessem, no arranco das nossas almas para voarmos para junto d'elles, que o Anjo da Morte é como o Anjo do Somno, que a Morte é consoladora para os que padecem, para os que trabalham, que a Morte é a grande vingadora das injustiças de que soffremos.

Entes queridos que voaram e que nós sentimos tanta vez juntos de nós, chamando nos para junto d'elles, como se os seus corações precisassem do calor dos nossos! O que elles nos contam da morte é que nos dá força para a vida.

Morte! Fim da nossa dor, alvo para que caminhemos todos! São elles os mortos queridos que, apparecendo nos nas suas vestes muito brancas, nós mostram o caminho a seguir, nos dão coragem para a jornada, nos promettem as suas caricias no selleiro mystico, tranquilla estalagem cujas janellas brilham na escuridão da noite que atravessamos e onde teremos prompto o leito para o descanso, o pão divino para saciar-nos.

Chamemol-os para junto de nós, para que nos consolem. Chamemol-os porque veem todos, legião immensa vestida de branco, que a Morte matou o orgulho, a inveja, as ambições, as rivalidades e só existe entre elles, e entre elles e nós, o amor purissimo.

Chamemol-os, que elles pagam-nos, melhor do que os vivos, o nosso amor. E, se os vivos teem um dia para os mortos, os mortos teem um dia para os vivos.

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### SARAH BERNHARDT

Lisboa está em sorte. Depois de Novelli. Sarah Bernhardt.

Os jornaes de Madrid veem cheios dos triumphos que essa mulher extraordinaria, eternamente extraordinaria, acaba de alcançar na capital visinha.

O sol da arte, n'um céu de primavera cons-

tante, tem feito desabrochar as mais extranhas flores, cresce nos altos troncos da arvore symbolica as mais opulentas palmas, com que milhões de admiradores convulsos, dominados, tem juncado o chão que pisa o pé divino da Sarah.

Contam-se d'ella mil aventuras; em volta do seu nome já se criou uma lenda. Verdade? Mentira? Que importa? A lenda ajuda a propagar-lhe o nome pelo Universo inteiro. Os seus desequilibrios de artista, os seus caprichos extravagantes, a sua sympathica originalidade, a sua vida como mulher, como actriz, como esculptora, tem sido contadas mil vezes, inventadas um milhão, por todos os reporters, transcriptas com varios pontos que lhe ajuntaram, por todos os jornaes do Velho, do Novo, do Novissimo Mundo.

Com o seu talento prodigioso, a sua bella figura tragica, a sua cabecinha d'uma encantadora esculptura, tem visto a seus pés, cahidos, prostrados, balbuciando versos, tremulos, inspirados como sacerdotes para quem uma deusa se dignasse baixar os olhos, os poetas mais aclamados, os artistas de mais ruidoso nome.

Vão acordar estranhamente d'um lethargo de mezes os eccos de S. Carlos, costumados a outra musica, a outras melodias.

Mas nunca ouviram a voz de Sarah, a voz de ouro que os poetas teem cantado.

Marguerita Gautier vae contar-nos as dores e martyrios dos seus passados amores, o delirio que lhe inspira o novo amor de Armand Duval. Vae revelar-nos o fundo da sua alma, que sobe purificada, emquanto a tísica feroz lhe mina o corpo, lhe desfaz os pulmões, lhe cava as faces, lhe engrandece os olhos. lhe traz a morte, a morte que a salva. Depois é Magda, que entra na casa paterna, deslumbrando a todos com as suas *toilettes*, os seus costumes, as suas opiniões, a sua leviandade e, que abre pasmada os olhos ao ver o pae caído a seus pés, morto, porque ella foi leviana. Depois é a Phedra, é a bocca d'ouro da Sarah recitando os versos de Racine.

E os versos n'aquelles labios transformam-se n'uma musica estranha, misteriosa, milagrosa quasi, capaz de resuscitar Hugo, de resuscitar Racine, vindos do empyreo para applaudil-a, ella capaz de criar a Dona Sol, de dar nova vida a Phedra.

Sarah Bernhardt! Diz tanto o seu nome, que um poema inteiro a não cantava.

## OS ACONTECIMENTOS NA INDIA

As ultimas noticias recebidas da India continuam a ser pouco tranquilisadoras, pois que os insubordinados marathas vão engrossando em numero, achando-se armados com espingardas Snider, que levaram das arrecadações de Pangim, e fortificados no Castello de Nanuz, em Satary, nas Novas Conquistas.

Não é a primeira vez que se dão estas revoltas, pois que, em 1822 o celebre Dipu Ranes foi o cabecilha da revolta contra Portugal e foi a provincia de Satary, como agora, o theatro d'esses acontecimentos.

Por este motivo é de todo o interesse historiar e tornar conhecido de nossos leitores a provincia de Satary, seus habitantes e potentados, para o que recorreremos ao livro *A India Portuguesa* do fallecido escriptor e viajante A. Lopes Mendes:

A provincia de Satary deriva o seu nome de *Sotór Gão*, que, em linguagem maratha, quer dizer setenta aldeias.

Constituia out'ora o pequeno senhorio dos ranes de Querim e Gullem, feudatarios do Bounsuló, Sar-dessay de Cuddale e Varim.

Conquistada pelo vice-rei marquez de Alorna em 1746, e libertando-se depois, por insurreição dos ranes e dessays em abril de 1758, foi restaurada pelas armas portuguezas em 1781, concedendo o conquistador aos conquistados a posse dos seus macassós; e sublevando-se posteriormente, passou a ser possuida definitivamente pelos portuguezes em 1788, época em que o Sar-dessay Quema Saunto Bounsuló a concedeu ao Estado portuguez, em virtude do artigo 13.º do tratado de 29 de janeiro do mesmo anno, e em que os ranes começaram a cumprir e guardar o juramento de fidelidade e vassallagem, que haviam assignado pela primeira vez n'aquelle anno de 1746, fazendo hoje parte das Novas Conquistas, de que é a região oriental.

Quando as Novas Conquistas entraram no dominio portuguez, e á proporção que iam sendo incorporadas n'elle, foram pelos bandos de 6 de agosto e 12 de setembro de 1763, de 7 de setembro de 1781, de 30 de janeiro de 1788 e de 24 de

junho de 1800 conservadas aos ranes e dessays as mercês taes como as possuíam, e com as mesmas condições que existiam no tempo dos antigos dominantes.

Todas estas concessões, porém, não impediram que os ranes da provincia, tornando-se infieis aos seus compromissos, continuassem a inquietar-nos com as suas constantes correrias e revoltas, aproveitando-se de todas as commoções politicas do Estado para se insurgirem.

O vice-rei D. Manuel da Camara, com o fim de castigar e sujeitar os ranes e dessays, que tão frequentes vezes zombaram do nosso poder, começou por dar baixa aos sipays que elles tinham, pagos pelo Estado, e por inventariar os redditos da provincia, fazendo entrar nos cofres da fazenda publica, a que pertenciam, e que aquelles indevidamente disfructavam.

Os ranes de Satary são todos da classe maratha. Em geral os descendentes dos *quetrys* ou *kexatrias* chamam-se *marathes* ou *marathas*, que foram sempre um povo guerreiro, chegando a senhorear se de muitas provincias da India. Descendem de Hirogy Ranes, que passou a Goa em 1491, e este descendé dos ranes senhores de Geipur, Udepur e Rabampur e outras provincias situadas ao noroeste do Indostão.

Como senhores da provincia de Satary, cobravam dos seus habitantes tributos, sob varias de nominações, pelos terrenos que elles cultivavam; possuíam muitas propriedades (macassós de que ao diante trataremos), que tinham em diferentes aldeias da provincia, e de que ainda hoje estão de posse, juntamente com uma pensão denominada *acca*, que recebe n da fazenda publica de Goa.

Segundo a lei, usos e costumes das familias hindús, sendo o varão mais velho o administrador nato da casa, a quem pertence *de jure* a administração dos fundos e rendas d'ella, para alimentos dos seus administrados, e para prover em tudo o mais que lhes seja proveitoso, acontecem muitas vezes faltarem os administradores ao fiel cumprimento d'estes seus deveres, resultando d'este procedimento interminaveis disputas entre elles e os restantes membros da familia.

Estas contendias, sendo ao principio simplesmente domesticas, convertiam-se facilmente em dissensões publicas, que nunca terminavam sem elles recorrerem ás armas, organisando guerrilhas ou quadrilhas de *bondavals* (salteadores), que só se occupavam em roubar e matar os habitantes da propria provincia e das que lhe ficavam proximas, trazendo assim em sobresalto e continua inquietação, não só os habitantes das Novas Conquistas, mas tambem os das aldeias das Velhas Conquistas, que demoravam a menores distancias d'ellas.

Cumpria por consequencia aos nossos governadores tetminar aquellas desordens, que sempre dimanavam do dolo e ambição dos administradores ou das intrigas fomentadas e habilmente manejadas pelos seus *dubaxis* (secretarios), que procuravam envolver e entreter os administradores e administrados em continuas controversias, de que só elles tiravam vantagens e lucros consideraveis.

Estas guerras civis, começadas e continuadas um e mais annos, serviam-lhes de pretexto para não pagarem ao Bounsuló, de quem eram feudatarios, e posteriormente aos portuguezes, seus dominantes, a devida contribuição; motivo por que, no tempo do Bounsuló, o representante dos ranes era muitas vezes levado a Varim, para ser obrigado ao pagamento dos respectivos tributos, que nunca foram pontualmente satisfeitos; até que a provincia foi effectivamente incorporada nos proprios da fazenda publica.

Desde 1746 até 1852, em que teve logar a ultima das mais notaveis revoltas, por dezeseite vezes se insurgiram os ranes e dessays em diversas épocas, sob pretexto de pugnaem pelo direito que julgavam ter aos rendimentos da provincia. Foram os chefes d'esta ultima revolta o celebre Dipu Ranes, Custobá e Sencorbá dessays.

Governava então o Estado da India o illustre e honradissimo visconde de Villa Nova de Ourem, quando este famigerado guerrilheiro Dipu Ranes e seus sequazes se sublevaram, custando muita vida e dinheiro ao governo portuguez esta sangrenta lucta travada nas densas florestas de Satary, e não conseguindo aquelle benemerito e incansavel governador mais do que desapossal-os dos seus macassós e rendimentos que do Estado percebiam.

Estava reservado ao feliz governo do ex.<sup>mo</sup> conde de Torres Novas pôr termo a esta sublevação em 1855, concedendo perdão aos sedicio-

so pelo bando de 20 de dezembro do mesmo anno, e mandando pagar ao Dipú e a seus sobrinhos 500 rupias annuaes da fazenda publica, a titulo de pensão alimenticia, deduzida da que antes recebiam com a denominação de *ácea*, como representantes da familia dos Ranes de Satary, os srs. Sar-dessays Ambrutá Ráu e Raugy Ranes.

Em 14 de maio de 1856 mandou o mesmo governador restituir todos os mocassós, pensões e inamas aos referidos Sar-dessays.

A provincia de Satary está comprehendida entre 15° 26' e 15° 42' de latitude N, e 74° 3' e 74° 21' de longitude E. de Greenwich.

É limitada ao norte pela aldeia Aynte, dos dominios inglezes, e separada por uma linha ficticia, pelos Gattes de Quelaudem, Chorlem, Parvor e Satrem; ao oriente, pelos territorios britannicos, e demarcada pela crista dos Gattes do Quelgatte, Berqui e Caranzol; ao sul, pela provincia de Embarbagem e ao occidente, pela provincia de Bicholim.

Representa esta provincia — um amplo amphitheatro inclinado de O. a SE. As maiores sumidades da cordilheira dos Gattes que a delimitam, e que em phrase concany significam grande altura, estão comprehendidas entre 2:000 a 3:800 pés de cota de nivel.

Os Gattes que formam a linha de separação do norte e leste de Satary, entre o nosso territorio e os dominios britannicos, dão origem a muitos ribeiros e regatos, que levam suas aguas aos rios *Madey*, *Torlinoy* de Nenorem, ao *Rogará*, *Felluscho-ny* e ao *Torlinoy-volecta*.

O rio *Madey* é o principal rio de Satary. Tem a sua origem no territorio britannico e, depois de correr por entre as aldeias Tonal e Mendil do mesmo territorio, entra na provincia de Satary. *Codevol* é a primeira aldeia que elle banha; corre junto do forte de Nanuz, passa por Conquirem, e vae desaguar no *Mandovy*. O comprimento da sua margem rectificada, e comprehendida de um a outro extremo da provincia, é de 27,5 kilometros, aproximadamente.

Os satarienses podem ser divididos em duas grandes classes. A primeira é composta de ranes, *dessays* e *bottos*, e a segunda comprehendida quasi todas as castas dos gentios, mas é principalmente formada pelos *gão-cares* de raça *maratha*, *maneis*, *roytes* ou trabalhadores, e pelos *goutys*. Estes, habituados a uma vida errante, independente e selvagem, são os restos vivos do segundo estado por que passou a humanidade na sua origem, como os *marathas* são os representantes do estado caçador ou primeiro estado, e os *bottos* do terceiro, ou estado agricola primitivo.

## Uma pagina da historia contemporanea dedicada á cidade d'Angra do Heroismo

I

Apesar de ter sido n'outro tempo o ponto principal dos Açores, em que tocavam as frotas portuguezas depois da sua longa navegação na Asia, Africa e America, apesar de ter resistido por tres annos successivos ao poder formidavel de Filipe I de Hespanha, que então era o maior potentado da Europa, justamente appellidado o demonio do meio dia; quando desde 1580 a 27 de julho de 1583 se conservou fiel ao principe D. Antonio, Prior do Crato, como rei de Portugal; apesar de ter sido a capital do archipelago açoriano; a sede do governo d'elle; apesar do inacessivel das suas alcantiladas rochas, sendo com justa razão denominada o *Gibraltar Açoriano*, apesar do seu formidavel monte *Brazil*, occupado pelo castello de S. João Baptista, aonde os hespanhoes se conservaram por 11 mezes contra os patrioticos estorços dos seus habitantes, durante a guerra da independencia, apesar de todos estes elementos, a ilha Terceira era pouco considerada tanto dos portuguezes como dos estrangeiros.

Affecta á causa de D. Miguel de Bragança quasi por unanimidade dos seus habitantes, porque estranho acaso se achou depois compromettida n'uma lucta fratrecida e sangrenta, e veiu a fixar assim a attenção da Europa?

Em 1828 tivera lugar, como é sabido, a aclamação de D. Miguel e a sua elevação ao throno em virtude da decisão dos tres Estados reunidos em cortes, pelos braços do clero, nobreza e povo. A causa d'este principe era então verdadeiramente sympathica. As leis de Lamego, bem como a carta patente de 1642 excluíam do throno o filho primogenito de D. João VI. D. Pedro I, imperador do Brazil, e chamavam á successão a corôa

o segundo filho varão o principe D. Miguel. Nas leis de Lamego accentuavam-se estas palavras: *Não venha o reino a estrangeiros... Não queremos que o reino em tempo algum passe a estrangeiros*. A lei era clara contra todos os riscos de estranha dominação. D. Pedro era estrangeiro não só por escolha propria e preferencia, chegando até a pegar em armas contra Portugal, mas estrangeiro por tratados, e as leis de Lamego e a carta patente de 1642 interpretadas na sua letra e no seu espirito devolviam ao segundo filho a successão á corôa, de que havia sido excluido justamente o primogenito.

É verdade que D. Miguel promettera casar com a sobrinha, a princeza D. Maria da Gloria, jurar a Carta Constitucional outorgada pelo imperador do Brazil. A nação, porém, constituída legalmente, pôde dizer-se pelo suffragio universal, rasgar esse pacto, devolvendo-lhe a corôa e annullando as condições d'esse pacto, e consequentemente a Carta Constitucional da monarchia portugueza datada de 29 de abril de 1826.

Do caracter do principe, das suas qualidades pessoais não se podia ainda fazer juizo completo e seguro. Ainda na adolescencia, não era licito presumir o que elle seria na idade madura. O que se sabia, e n'este ponto todos estavam de accordo, absolutistas e liberaes, é que elle era patriota. Dotado de uma bella presença, sagundo nos contaram pessoas fidedignas, montando bem a cavallo, entusiasta pelas touradas, divertimento popular na península iberica, attrahia as attensões de todos. Trajava sempre com pannos nacionaes, e parecia não ser muito maleavel ás exigencias estrangeiras, das tres grandes potencias que entrevinham quasi sempre nos negocios de Portugal, Hespanha, França e Inglaterra.

Explica-se assim sem mais desenvolvimento o entusiasmo com que foi depois aclamado rei.

O partido liberal, porém, desconfiava d'elle por lhe parecer que elle se recusaria a outhorgar uma constituição nas condições da carta constitucional de 1826.

A escolha dos seus ministros parecia revelar esse intento.

Accresciam a essas divergencias as exigencias dos principaes fautores do movimento liberal e de outros inclinados ao principio absolutista, como me parece em vista dos factos, era o conde de Villa Flor, que depois tão notavel se tornou na guerra da successão em favor do regimen liberal e dos direitos da princeza D. Maria da Gloria; apesar d'essas divergencias e d'essas exigencias, o movimento de emigração para a Inglaterra e para França não teria talvez tido logar, ou não se teria accentuado tanto se o governo que então presidia aos negocios do reino tivesse transigido com essas exigencias em termos habeis. A politica seguida depois pelo gabinete miguelista, accentuando-se extraordinariamente em sentido reaccionario determinou a emigração em larga escala. Homens como foram depois o conde de Villa Flor, marquez de Palmella, general Saldanha, Sá da Bandeira, e uma pleiade de homens notaveis cuja lista por numerosa não nos é possível agora relatar por falta de espaço, e que foram actores e heroes na epopeia constitucional, se passaram depois com armas e bagagens para a causa liberal.

No entanto digamos aqui de passagem, que não é a propaganda nem a revolução que derribam os governos; mas a opinião.

Sómente pela propaganda e pela revolução aconteceria a D. Maria, pretendente ao throno, o que aconteceu aos Stuarts da Inglaterra e a outros pretendentes — não poder conquistar a corôa e ir soffrer as amarguras do exilio.

Foi portanto o governo de D. Miguel quem, pelos seus actos, preparou a elevação ao throno d'essa princeza e o triumpho do regimen liberal.

Mas em 1828, quando teve logar a aclamação de D. Miguel, a opinião pronunciava-se abertamente pela causa d'este principe sem se preocupar com as exigencias individuais dos liberaes, aguardando contudo os acontecimentos; era essa opinião formulada tanto no clero, como na nobreza e no povo.

Essa mesma opinião accentuou-se na Terceira, fiel ás suas tradições, e em harmonia com as qualidades que a tinham distinguido como baluarte da independencia em 1580, em 1640 e durante a guerra da península, em que muitos de seus filhos pelejaram e por occasião da retirada de D. João VI para o Brazil; essa opinião accentuara-se sempre contra o estrangeiro n'essas luctas gigantescas.

A aclamação de D. Miguel na Terceira era um facto necessario, e tomaram parte n'ella meu pae Luiz Meyrelles do Canto e Castro, natural d'essa ilha, capitão de milicias, Candido Forjaz, coronel de milicias, avô do actual Visconde das

Mercês e outros proprietarios abastados da mesma ilha, de que não me lembro os nomes, tambem affectos como elles, á causa de D. Miguel.

Por occasião d'essa aclamação, cantava-se com grande entusiasmo nas ruas de Angra, como em Lisboa, a canção patriótica:

Rei chegou, rei chegou  
Em Belem desembarcou.

Organisou-se logo um governo provisorio em favor dos direitos de D. Miguel.

Pouco tempo depois começava o periodo revolucionario em que tomou parte o batalhão de caçadores 5 e em que foram promotores distinctissimos Theotónio d'Ornellas, que foi depois visconde de Bruges, e conde da Praia da Victoria, Pedro Homem de Noronha, que depois foi barão de Noronha, pae do actual governador civil d'Angra Manoel Homem de Noronha, que n'essa lucta comprometteram não só as suas vidas, mas as suas fortunas.

Se não fossem estes dois terceirenses, e o commandante de caçadores 5 (Quintino) a revolução não só teria abortado, mas talvez mesmo não se chegasse a fazer, e por sem duvida não teria irradiado nem para a ilha de S. Miguel nem para as outras ilhas do Archipelago, affectas á causa de D. Miguel.

Iniciadores d'esse movimento quando na Terceira, a immensa maioria dos seus habitantes se pronunciava abertamente pela causa de D. Miguel, e no continente do reino se manifestava igualmente no mesmo sentido, agrupando-se em volta d'essa bandeira todas as forças vivas da nação, o pronunciamento á frente do qual elles se collocaram com um punhado de homens, é um facto legendario e talvez nunca visto ou unico na historia.

Faz lembrar os tresentos Espartanos que nos desfiladeiros das Thermopylas se oppuzeram ao poder colossal de Xerxes na Persia, nos tempos heroicos da Grecia; faz lembrar Guilherme Tell e seus intrepidos companheiros nas montanhas da Suissa contra todo o poder da Austria.

Dr. A. M. de Tavora.

## O ULTIMO PADRÃO DE DIOGO CÃO

(Concluido do n.º 606)

Diz-me uma certa experiencia que tenho d'estas cousas que, nos frequentes e ingratos embarços que surpreendem bruscamente a intelligencia e o trabalho do investigador, o melhor que este tem a fazer é redobrar de paciencia e não deixar logo que a attenção se desvie do ponto restricto que parece malogra-la, lançando-se, á aventura, em busca ou no ensaio de outros pontos de investigação e de interpretação nova.

Hypotheses por hypotheses, as mais simples e as menos affastadas do problema que nos surpreende e embarça, são geralmente as melhores.

Na legenda latina, seguramente a inicial, naturalmente a redigida ainda em Lisboa por gente mais perita e cuidadosa, e, em summa, a que enche o corpo principal do monumento affirmando universalmente a razão e o destino d'este, as *eras* da Creação Christan correspondem, concordam, conformam-se, perfeitamente. A propria hesitação na leitura do algarismo terminal da *era* christan, desfaz-se quando se considera que o valor d'esse algarismo não sendo evidentemente superior a 5, não poderia ser-lhe inferior porque iria então disparatar com factos irrecusavelmente apurados e sabidos.

Essa *era* ou essa data é a de 1485

Nem podia ser anterior, não só porque não o havia de ser á da collocação do padrão precedente, do Cabo Negro, no começo d'esse anno segundo expressa registo contemporaneo, como tambem, e isto basta, porque antes de 1485 estava Diogo Cão em Lisboa.

Não podia ser posterior, porque Diogo Cão não havia de gastar um anno a ir do Cabo Negro ao Cabo Cross, e depois de 1485 desaparece elle e vae continuar a descoberta Bartholomeu Dias.

De resto, como já dissemos, os caracteres dizem com sufficiente nitidez esta data: 1485.

É na segunda inscrição traçada na superficie curva da columna, talvez até pelos proprios expedicionarios no acto da collocação, que o ultimo signal da *era* da Creação nos apparece com o valor de 5 em vez de 4, mantendo-se, porém, exactamente, nitidamente, a *era* christan de 1485, a que corresponde á de 6684 da primeira legenda, e não á de 6685, da segunda, que determinaria uma nova

# OS ACONTECIMENTOS NA INDIA



CORDILHEIRA DOS GATTES — QUELANDEN



FORTE DE NANUZ — OCCUPADO PELOS MARATHAS INSURRECTOS

data por nenhuma d'ellas aliás indicada; a de 1486.

O que immediatamente occorre, pois, é que houve um lapso ou um erro em terminar na segunda legenda a era da Creação por um *b* ou por *3*, como a era christian, erro que se não deu na inscrição primeira, e que seria facil de explicar por mais de uma hypothese extremamente simples e variavel. Bastava a que já expozemos: — a da segunda inscrição ter sido feita pelos proprios expedicionarios

O que, por outro lado, nenhuma das inscrições authorisa, coincidindo ambas em fixar a era ou anno de 1485, é a idéa de uma data diversa ou muito posterior a esta para a segunda viagem de Diogo Cão ou para a terminação assignalada d'essa viagem no Cabo da Serra ou no Cabo Cross.

Essa idéa, porém, posto que ainda sob uma forma hesitante e hypothetica foi suggerida ao sr. Scheppig, por uma circumstancia um pouco affastada do simples e rigoroso trabalho interpretativo de que justamente fóra encarregado quando o padrão do Cabo Cross deu officialmente entrada na Academia de Marinha de Kiel.

Essa circumstancia é a da hypothese ou a da opinião corrente de ter Martim Beheim, ou á nosa moda Martim Bohemia, acompanhado Diogo Cão na sua segunda viagem.

A lenda d'este aventureiro que veio, como tantos outros, estabelecer-se em Portugal, quando a fama das nossas descobertas maritimas e das nosas concessões colonias começou a correr mundo, tem attingido nos nosos proprios escriptores modernos, proporções perfeitamente fabulosas, e não admira que tenha sido e seja cultivada com particular sympathia pelos allemães, posto que

Beheim não fosse rigorosamente um allemão e até acabasse por não ser um bohemio.

Elle proprio se encarregou, como outros, de lançar no espirito ingenuo dos seus concidadãos longicuos, a semente d'essa lenda, com bem pouca gratidão e justiça para os que lhe deram generosamente ensejo de fazer nome e fortuna.

Acompanhou realmente Martim Beheim, a segunda expedição de Diogo Cão?

Entendo que o caso precisa ainda de algum estudo serio para ser dado como seriamente resolvido e assente.

Mas considerado geralmente como certo, o sr. Scheppig foi n'elle receber um novo motivo de hesitação e de duvida para a leitura ou interpretação das datas aliás nitidas e repetidamente inscriptas no padrão do Cabo Cross.

E esse motivo foi que Martim da Bohemia poderia não ter tido tempo de vir embarcar n'essa segunda expedição se ella partisse ainda em 1484 além de que se achava em Portugal em fevereiro de 1485

Nenhuma d'estas circumstancias, comtudo, se oppõe a que a viagem até ao Cabo Cross se realisasse n'este ultimo anno e a expedição estivesse de volta em 1486, como estabelece.

Se ha uma data que possa então prejudicar o argumento relativo a Beheim, é elle proprio que a dá, no seu *Globo*; — é a da collocação do padrão do Cabo Negro.

Mas as novas investigações e estudos que o sr. Scheppig, com tão louvavel dedicacão está fazendo, se não alteram já as datas verificadas, não podem deixar de merecer-nos a mais grata attenção e dão-lhe um novo direito ao nosso reconhecimento.

Com essas investigações só temos todos a ganhar como só temos tambem, nós os portuguezes a agradecer esta cooperacão extranha, quando séria e honrada, como a do sr. Scheppig, no empenho e no dever de ir-nos mais e melhor conhecendo e esclarecendo a historia das nosas descobertas.

Pelo que, agora, nos occupa a historia da descoberta da Costa africana ao sul do Equador, que o mesmo é dizer o primeiro estadio no caminho da India, fica devendo á Allemanha, á sua marinha e ao seu imperador um dos mais preciosos documentos, no padrão recolhido em Kiel e se não tivemos a fortuna de o ver reunido na Sociedade de Geographia de Lisboa nos restos dos outros tres com que Diogo Cão assignalou essa descoberta desde o *Zaire* em 1482 até á *Serra Parda* em 1486, fartamente nos deve consolar a nobre homenagem prestada por Guilherme II á memoria do valente descobridor, mandando collocar onde porventura n'um ultimo esforço elle levantara o symbolo da sua fé e da sua patria, uma reproducção d'esse mesmo monumento.

—«Por ordem de Sua Magestade o imperador da Allemanha e rei da Prussia Guilherme II, em janeiro de 1894 esta stella foi aqui posta em substituição do que o revolver dos tempos estragara, — tal é a modesta e ao mesmo tempo eloquente inscripção acrescentada no lusto do padrão novo, as legendas meio obliteradas que authenticavam a descoberta e posse portugueza do seculo XV.

Como é bom e consolador sentir pulsar através dos esplendores da Magestade e do Poder, o coração d'um rapaz intelligente, a justiça d'uma alma grande e culta!

Compare-se este acto do imperador allemão com o proceder dos brutos com forma humana e insignias de representantes de certas nações cultas que no Zaire e até á India faziam ha annos alvejar pelos canhões dos seus navios, os padrões erguidos pelos que lhes ensinaram os caminhos do mar!...

Luciano Cordeiro.

## OS MANUSCRITOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º anterior)

XXII

OS ILLUMINADORES NACIONAES

Querem alguns escriptores que a arte de illuminar os manuscritos date, entre nós portuguezes, do principio da monarchia e que, nas epochas subsequentes foi sempre cultivada com apreço.

Cyrillo, na sua obra — *Memoria sobre as Boas Artes* — diz, que, a infanta D. Philippa, filha do infante D. Pedro, duque de Coimbra e regente do reino durante a menoridade de D. Affonso V, ornara com illuminuras e debuxos um livro dos Evangelhos que se conservava no mosteiro de Odivellas.

No livro XIII da chancellaria de D. Affonso V, a



DIPU RANES



RAUGY RANES, SAR DESSAY DE SANQUELIM

folhas 179, acha-se uma carta de illuminador passada a um tal Vasco.

No reinado de D. João II estava em grande esplendor a arte de illuminar, como se prova dos seguintes versos da *Miscellanea*:

«Pintores, luminadores agora no cume estam ourivizis, esculptores sam mais sotis e meliores que quantos passados sam: Alberto e Raphael e em Portugal haa taes tam grandes e naturaes que vem quasi a holiuel.»

Ainda na chronica d'este mesmo rei, em diversos lugares se deprehendem noticias curiosas sub-jectivas ao assumpto. O redactor da chronica,

Garcia de Rezende, diz que, o rei o elogiava pelos seus desenhos e até lhe dissera um dia: que se devia ensoberbecer porque elle rei desejava ter aquelle talento e que o Imperador Maximiliano, seu primo, era um grande desenhador e d'isso se gloria muito.

D. Manuel deu grande impulso á illuminura e isto se vê dos monumentos que nos restam e que já citámos no nosso trabalho: as centenas de lo-raes, todos illuminados; os quarenta e nove grandes manuscritos da Reforma. Parece que Gon-salo Gomes fóra um dos illuminadores da sua córte.

Frei Manuel da Purificação, conego regular de S. João Evangelista, illuminou com perfeição os livros do côro da sua ordem, e um livro de *Armaria*.

Em 1530, Damião de Goes, então embaixador em Flandres, escrevia de Anvers ao infante D. Fernando n'uma das suas cartas as seguintes phrases

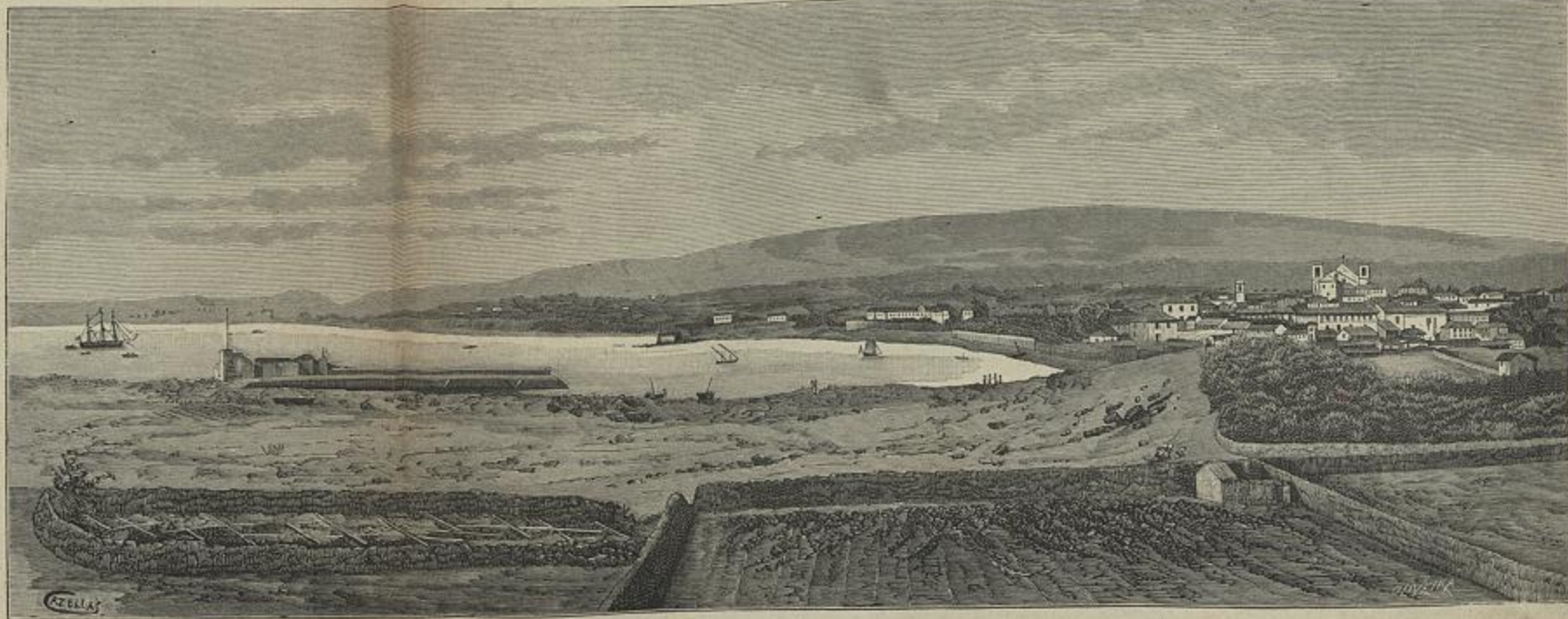
que nos dão noticias relativas á ornamentação dos manuscritos: diz que remette a folha das illuminuras e dos livros cuja letra não é tão perfeita, porque o primeiro escriptor morreu.

Accrescenta que, mestre Simão renuncia a todo outro trabalho para só illuminar o livro que o infante lhe encomendou.

Na sua *Chronica* de D. Manuel, Damião de Goes allude ainda ao infante D. Fernando, de um modo muito lisongeiro, dizendo que elle era as-saz affeiçãoado aos estudos historicos, e que lhe ordenara mandasse executar em Flandres diversos trabalhos de illuminura.

Transcrevamos:

«E por tirar a limpo as chronicas dos reis de Hespanha desno do tempo de Noé, até ao seu, despendeu (D. Fernando) muito com homens doutos a que dava ordenados e tenças e fazia outras



VILLA DA PRAIA DA VICTORIA — Vide artigo «Uma pagina de historia contemporanea»

## UM D. JOÃO DE CASTRO DE CAPA E ESPADA

VI

(Continuado do n.º 602)

Este período do século XVII — o dos reinados de D. Afonso VI e D. Pedro II — é um dos mais brilhantes da história da aristocracia portuguesa, e talvez o apogeu da sua influencia na vida nacional. Explicam-o a aclamação de D. João IV e os vinte e oito annos da guerra da Restauração.

Os fidalgos!... Productos da civilização o fidalgo corresponde á época que o gerou. Natural pela materia prima — o homem — é artificial pela forma que reveste, pelas qualidades e defeitos do seu espirito, pelas influencias especies da educação, do meio em que foi creado. Encarado sob certos aspectos lembra-nos uma flôr d'estufa! Como a sua época, passou elle tambem. Jaz para sempre, pertence á historia. E' ahí que o vão buscar o romancista, o dramaturgo, o poeta. Na vida contemporanea não o encontramos, pertence a um outro mundo. Não ha decretos que resuscitem as civilizações.

Barão, visconde, conde, marquez, duque — com dom ou sem elle — é sempre o mesmo. Virtudes e vicios, qualidades e defeitos, podem variar na intensidade, no esplendor; a essencia é constante, não varia. Mello, Menezes, Pereira, Cunha, Athaide, Tavora, Almeida, Gama, Telles, Camara, Castro, Albuquerque, Bragança — estes nomes são para elle uma religião e um reino espirital, um culto e uma corôa, herdados dos paes, legados aos filhos. Esse culto floresce, exalta-se, com as prosperidades, requinta com os revezes, e, grande e magestoso na opulencia, não infunde menos respeito na adversidade. E então, n'esses momentos, é, para uma alma d'artista, um commovente espectáculo.

Productos da selecção social, fructo conservado pelas distincções de classe, impostas pelas necessidades da vida politica — a aristocracia era uma familia á parte no seio da nação, um organismo distincto, destacando dos outros elementos sociais, mas convivendo com elles, mutuando favores, dando e recebendo. Aspirando á independencia, com um profundo espirito de classe e com um alto sentimento individual, collocada entre a realza e o povo, a um tempo luz e reflexo, é n'essa minoria sobranceira, orgulhosa, illustrada e valente, que está a alma, e que bate o coração de Portugal; animam-a e sustentam-a os grandes ideaes, os maiores, os que mais ennobrecem a humanidade — o amor da patria, a abnegação, o heroismo em frente da morte, o respeito pelos antepassados, o sentimento religioso, a generosidade, a protecção ás artes, ás sciencias e ás letras, que ella hospeda nos seus salões, nas suas livrarias e nos seus museus.

Isto é o que diz a historia imparcial. Alliando-se quasi sempre entre si, com raras excepções de sangue plebeu — não menos pujante, nem menos bravo, e que entrava n'ella pela bastardia — a nobreza creou tambem um typo physico superior ao commum da sua raça. Distinguia-se pelo porte, pelos ademanos, pela expressão, pelas feições, pelo caracter da physionomia. Tem um ar fidalgo — tem acções de fidalgo — dizemos, ainda hoje, d'aquelles que são notados pela gravidade e elegancia da figura, e dos que, nos actos da sua vida, revelam a gentileza e finura do espirito, um animo largo, um nobre coração.

É a tradição que d'elles ficou, e que veiu até nós, como uma grande sombra, atravez dos tempos.

De estirpe régia muitos d'elles, tendo os seus antepassados nas casas reaes de Castella e de Leão, companheiros dos reis, e creados nos seus paços, eram os sustentáculos naturaes da monarchia, os braços em que ella se amparava, as mãos validas, que a defendiam. Representavam-na nas côrtes estrangeiras, combatiam e morriam por ella nos campos de batalha, hasteavam o seu pavilhão nos mares, e defraldavam o ovante, na Africa e na Asia — em Ceuta, em Arzilla, em Goa, em Ormuz, por todo esse mundo d'além-mar, que nós então senhoreavamos. Medianeiros entre a auctoridade real e o povo — esses homens, comprehendendo-se que fossem orgulhosos, do orgulho que nos dá a consciencia das grandes acções praticadas pelo heroismo dos nossos maiores, a consciencia do proprio valor e dos serviços prestados ao rei e á patria.

Uns datavam os seus braços dos Arcos de Val de Vez, da tomada de Santarem, das conquistas de Lisboa e de Silves, das Navas de Tolosa, do Salado; tinham-se batido ao lado de Afonso Henriques, de Sancho I, de Afonso IV, contra os arabes e os leonezes. Datavam outros de não menos fa-

mosas victorias nos annos da patria portugueza — os Atoleiros, Trancozo e Aljubarrotta, onde tinham firmado na cabeça do Mestre d'Aviz a corôa, que o povo levantara do chão, e que o leão de Castella queria empolgar. E não eram menos gloriosos os que vinham de Ceuta, d'Arzilla, d'Azamor, de Mazagão, das descobertas e conquistas, de Goa, de Diu, d'Ormuz, e que foram acabar n'aquelle sombrio e sanguiolento naufragio de Alcacer Kibir... D'esses quantos ali estavam, quantos ali foram, obrigados pelo nome! Que os mais velhos, os mais experimentados, bem sustentavam o revez, bem sabiam quanto era arriscada a empreza. Mas *noblesse oblige*... Erã fidalgos — acompanharam o seu chefe, o seu rei, e com elle morreram.

Estes de que fallamos agora — nomes antigos, historicos, alguns condecorados com titulos novos — como homens tinham valor bastante para continuar a tradição dos antepassados — provaram o em cem combates — mas os tempos e os reis já eram outros.

Não batalharam D. Manuel, nem D. João III. A figura de D. Sebastião — o ultimo rei cavalleiro — apparece-nos como deslocada n'esta nova serie de monarchas politicos, inspirados, se não já inteiramente dominados, pela razão d'estado. De D. João II para cá subiu á maxima grandeza a auctoridade, o poder real, porém os reis tinham diminuido no valor e na estatura — erã mais reis e menos homens.

Começava por então a reinar, simultaneamente com elles, outra dynastia — a dos validos, a dos Escrivães da puridade, a dos condes da Castanheira e de Castello Melhor. Se D. Nuno Alvares podia jurar, sobre a cruz do seu montante, que tinha visto no mais acceso da batalha o Mestre d'Aviz, rodeado de inimigos, brandir a sua facha d'armas, Mathias d'Albuquerque, o marquez de Marialva — o primeiro, o do grande coração — o conde de S. João, o heroico André d'Albuquerque, mentiriam se affirmassem que a espada dos Braganças d'Azamor e da India, brilhara de novo á luz do sol, á frente dos terços portuguezes, no Montijo, nas linhas d'Elvas, no Ameixial, ou em Montes Claros.

A tradição antiga, e os feitos modernos, a fama dos antepassados e as glorias recentes, tudo isto explica — se não justifica — o caracter altaneiro, os assomos de desvairedo orgulho, os impetos furiosos da vaidade offendida, e os excessos criminosos das paixões desenfreadas d'essa nobreza, d'esses homens, que, no dizer d'um d'elles — o conde da Ericeira — eram, em todas as occasiões, os primeiros a expôr as vidas e a fazenda pela defeza do reino.

É o orgulho quem inspira ao primeiro dos Mariavas aquelle famoso legado do seu coração, para que lh'o encerrassem no tumulo de D. João IV; é o orgulho quem dominava o velho e celebre marquez de Cascaes, quando, por despeito de não lhe haverem feito uma mercê que requeria, atirou com a espada aos pés do Regente; é o orgulho que fez arremeter o conde da Torre, no paço, contra um homem considerado na côrte, acutilando-o, só porque este inadvertidamente o pizara! E não valiam, para mitigar esta exaltação da consciencia do proprio valor, nem os dictames d'uma religião que manda perdoar as offensas, nem a lenidade natural do caracter feminino, porque vemos um filho do conde de Villa Flor, chantre da Sé d'Evora, offendido por um conego, matal-o, ali, na Sé, esquecido do logar sagrado, das vestes que trajava, dos votos que fizera, e só lembrado de que era filho de D. Sancho Manuel, e que, como tal, só com sangue podia lavar uma affronta; e é a marquezia de Tavora que, melindrada na sua vaidade, se atreve, dentro do paço e na presença da infanta, filha do Regente, a esbofetear-lhe a propria aia!

Grande seria, de certo, a injuria para tão grosseiro e temerario desabafo! Pois não foi, nem passo de ridicula a causa de tal rompimento — gravissimo e tragico, depois, pelas suas consequências. O episodio é caracteristico. Antecipamos as épocas, visto que o caso se deu em novembro de 1672, e damos a narrativa com as proprias palavras da chronica. Ficará assim mais picante, no estylo do tempo.

Sucedeu n'este dias o desterro da Marquiza de Tavora, e a morte do Marquez, seu marido; as causas se referem com tanta variedade, que dentro de sua mesma casa se ouvem com differença. Relatarei a mais recebida e menos escrupulosa. Creava a Senhora Infanta de Portugal uma ama, senhora, senão do melhor sangue, das mais

mercês; e me mandou um debuxo da arvore<sup>1</sup> e tronco de toda esta progenie, desno tempo de Noé, até o del Rei dom Emanuel seu pai, pera lhe mandar fazer de illuminura, polo mor homem d'aquella arte que havia em toda a Europa, por nome Simão morador em Bruges, no condado de Flandres. Na qual arvore e outras couzas de illuminura, despendi por sua conta huma grão somma de dinheiro.

Segundo a opinião de alguns modernos criticos inglezes parece que o illuminador Simão de Bruges era artista portuguez.

Nas cartas citadas, acima, encontram-se ainda outras noticias curiosas acerca de illuminuras pelo que não resistimos a transcrevel-as:<sup>2</sup>

«As cousas que mamdo vera vosalteza per a comta que mamdo a Charles Amriquez e asy o preço dellas (a folha da Illumynadura vay assaz bem feita) e asy mamdo mais hum dos lyuros que qua tem mamdadô fazer: a letra nom he tam bôa como soya a ser por que o espruiam moreo a ja dias e o que agora espreve he seu filho que lhe nam chega com gramde parte e na terra nom ha outrem que o faço tam bem como elle. Ho outro lyuro se fora esprito tambem o mamdara porque as folhas já sam Illumynadas, como for esprito, logo ho mandarey.

«eu tenho emposto mestre symão em ser já desfeyto de quantas obras tinha e nam querer tomar obra de nynguem por lhe ter dito que tera asaz que fazer neste lyuro de vosalteza em dous anos elle esperava agora por tres ou quatro folhas do menos e nam veo mais que hûa pelo que estaa muy mal comtemte de mym: eu o sostenho com palauras porque crea vosalteza que se sembaraça com outras obras que nunqua já mais fara a fim do lyuro e por yso veja a maneira que nyso quer que se tenha: a dita folha veô per hum cabo toda molhada e gastada dagoa: coreger se ha o milhor que for posyvel, noso Senhor acrecemte os dias da vida e Real estado de vosalteza: de Inves a xxii dias do mes dagosto de 1530. Danyam de Goes.»

Esta carta era dirigida ao infante dom Fernando e está no *Corpo Chronologico*, P. 1, M. 45. Doc 107, na Torre do Tombo.

O Doc. 113 da mesma collecção é outra carta toda escripta pelo proprio punho de Damião de Goes, da qual destacamos o seguinte trecho:

«...pela frota mamdo has couzas que me vosa alteza (o mesmo infante D. Fernando) mamdou pedyr, e asy hum dos lyuros Illumynados, e ho outro nom vay por ha escriptura nom ser ainda acabada que a Illuminura já ha tenho em minha mão.»

No ultimo quartel do século XVI existia em Portugal um mestre illuminador de nome Goterres,<sup>3</sup> tambem poeta e calligrapho.

Por um soneto de André Falcão de Rezende, em que o louva, sabe-se que o illuminador Goterres era natural de Ourem e que ia passar a Roma de onde o convidam para alli exercer a sua arte visto que em Portugal pouco ganhava. Roma n'esse tempo abrigava os mais notaveis miniadores e se o artista portuguez para alli ia é porque, decerto, se sentia apto a concorrer com elles.

Eis o soneto alludido:

## A MESTRE GOTERRES

Quem busca obras subteis d'engenho raro  
D'artificiosa mão, felice veja,  
Da limpa orthographia a casta ideia,  
Goterrez veja, em fama e espr'ito claro.

Facil canta e compõe, qual Naso ou Maro,  
E de ricos characteres o arreja;  
Dá vida e lustro á letra, e d'isto cheia  
Vestil-a de mil côres não é avaro.

D'engenho tão sublime e peregrino  
Escriptor lusitano e tal poeta,  
Pedir o manda ao Tejo o Tiberino.

Diz, pois não ha na patria bom propheta,  
Que de Orem passa ao Alpe e Apennino  
A Roma honrar quem cá a pobreza inquieta.

(Continu...)

Esteves Pereira.

<sup>1</sup> Essa Illuminura está hoje no Museu Britannico. Foi levada d'aqui em 1848 por um addido da legação de Londres que a comprou não se sabendo a quem.

<sup>2</sup> Sirvo-me da leitura que vem no livro *Artes e Artistas do erudito archeologo sr. dr. Sousa Viterbo*, cavalheiro a quem a historia industrial e artistica portugueza muito deve.

lindas prendas; entre outras tinha singulares mãos para compôr o adorno da cabeça ao costume d'aquelle tempo, em que cada dia variavam as cabeças de muitas. Succedeu pedir-lhe a dita Marquezeta para sua filha um toucado (assim chamavam ao costumado adorno), com o encarecimento que fosse o mais vistoso que pudesse ser: saiu tanto a seu gosto que, para o ter na singularidade, lhe pediu o não fizesse semelhante a outrem, do que alcançou palavra de promessa. Visto o toucado foi gabado e appetecido de muitas; entre todas se empenhou a mulher d'um valido em que a artifice lhe havia de fazer outro toucado, que em nada fosse dessemelhante ao visto; fel-o assim a pobre senhora, appareceu aos olhos da prohibição, e cegos da ira, que ascendeu a soberba, foi a Palacio, e com palavras e mãos descompôz a que compunha a cabeça das outras. A Senhora Infantinha, vendo maltratar a ama, levantou a voz, e foi correndo até topar com S. A. (o Infante D. Pedro) que voltando a saber a causa, achou na descomposição da aggressora e da paciente manifestos indícios do excesso. Affirma-se que na gravidade com que S. A. se reprimiu n'esta occasião mostrou bem a grandeza do real animo.

D. Pedro conteve-se — que elle naturalmente sentiu impulsos para fazer a Marquezeta o que ella fizera á ama — mas a insolita ousadia da fidalga não ficou impune. Um decreto desterrou a para quarenta legoas fóra da côrte.

«Era o Marquez o sujeito de quem Sua Alteza fazia mais estimação»; isto e o proprio orgulho não seriam, decerto, tam bons conselheiros no animo da culpada, que ella acceitasse e cumprisse resignada a dura sentença, e não tentasse esquivar-se á pena, em que, por seu mal, incorreria.

O Marquez de Tavora, informado do escandalo e do castigo, procurou conjurar a tempestade, mas parece-nos que elle, n'esse momento, pensando na difficuldade da situação, emquanto o seu coche rodava para o Palacio, preferia ser ainda o condé de S. João da Pesqueira, e ter que romper, e levar deante de si um terço hespanhol, ouriçado de piques e mosquetes, um terço d'aquelles bravos veteranos das guerras de Flandres, que elle desbaratara tantas vezes nas batalhas da Restauração. D'alli saíra vencedor, aqui ou sairia ou não.

D. Pedro ouviu-o, quando elle, allegando ter de acompanhar a Marquezeta no seu desterro, lhe pediu licença para o fazer, mas a resposta do Regente foi — que lhe parecia isso muito bem, e que fosse em boa hora! Um raio, que lhe anniquilou todas as esperanças! Sua mulher expulsa da côrte, elle despedido com aquelles seccas e altivas palavras! Não lhe valeram, ao primeiro dos Tavoras, n'este transe, nem o antigo favor do principe, nem a memoria dos seus grandes e brilhantes feitos!

Saiu do Palacio, levando a morte no coração, e recolheu-se á sua quinta do Campo Pequeno. Alli o procuraram a dar-lhe pezames o duque de Cadaval, que elle não quiz receber, e muitos senhores da côrte, e ali em poucos dias, tomado da «vehemencia da sua imaginação», não resistindo á affronta, caiu fulminado com uma apoplexia, na noite de 25 d'esse mesmo mez de novembro!

Contra o heroico fidalgo, ainda na força da vida — tinha apenas trinta e oito annos — contra aquelle destemido condé de S. João, que fóra o terror dos hespanhoes, e que, como o famoso Ney, se podia chamar bravo entre os bravos, poderam, em poucos dias, as palavras d'um principe, que não era D. João I, nem D. João II, o que não tinham podido, em quinze annos de renhidos combates e batalhas, as balas e as espadas castelhanas!

Estes factos, que citamos, — hem poucos d'entre tantos que ressaltam das paginas d'esta chronica, que vamos folheando, — deixam-nos entrever o que eram esses fidalgos, os generaes da guerra da Restauração. Não é á luz d'um critério estreito e burguez que lhes podemos medir a estatura; não cabem no campo da observação commum. Vistos e examinados de perto, reconhece-se que estas figuras saem fóra das molduras modernas. São acanhadas para elles. No bem e no mal não se confundem estes homens com os de hoje, exorbitam do commum da humanidade. E transportados para o nosso tempo, alguns d'elles far-nos-iam o effeito de monstrosas creações da phantasia!

Mas eram assim, e como que afferidos todos — os grandes e os pequenos — pelo mesmo estalão. E para o provar surge-nos n'este ponto, de improviso, o nosso heroe — D. João de Castro.

Estava a côrte em Almeirim, para onde natu-

ralmente tinham ido caçar quando chegou ali a noticia da morte do Marquez de Tavora. Eram apparentados D. João e o fallecido, visto serem ambos casados com duas filhas do condé de Sarzedas. Os deveres de cortezão, o desvalimento dos Tavoras, as conveniencias do proprio interesse, que não é de uso desprezar, nada d'isso obstou a que elle, obtida licença, corresse a bom galopar para Lisboa! E tanto correu, que, ao saltar uma valla-real o fogoso cavalleiro, o cavallo lhe caiu dentro; valendo-lhe, para não ser mortal o lance, ir cheia d'agua, ficando, porém, ainda assim tão maltratado, que tambem se espalhou a noticia da sua morte.

«Valeu-lhe a brandura do colchão, para escapar com vida» — diz o monge chronista na sua phrase amena, torneada, e ás vezes aguda como um punhal (1).

(Continúa.)

Zacharias d'Aça.

## SE DE LISBOA

(Continuado do numero anterior)

A sua altura, que era enorme, calcula-se bem, examinando da parte de fóra, da banda da rua, acima do Aljube; umas misulas que lá se avistam no alto da parede, e d'onde partiam os ribetes ou artezões da abobada interior. Que pasmosa elevação! a esses raptos desconformes e entusiasticos não chegaria de certo a architectura classica, nem mesmo sobrepondo ordens e entablamentos.

No tempo de Coelho Gasco o retabulo do altar representava a oleo Nossa Senhora da Assumpção<sup>1</sup>. Pintara-o o artista Amaro do Valle (antes de 1610), e sendo, na opinião de Cyrillo, a melhor obra d'esse mestre, via-se no tempo do mesmo Cyrillo, *desprezada pela ignorancia*.<sup>2</sup>

A actual capella mór é de tecto curvo de volta abatida, tendo acima da cornija nove janellas. A cornija assenta sobre pilastras com capiteis jonicos.

Ao fundo o altar-mór, com retabulo de Pedro Alexandrino representando a Assumpção. Aos dois lados duas tribunas para a familia real. Seguem-se, fronteiros um ao outro, os dois tumulos; da parte esquerda, o d'el-rei D. Affonso, está sempre escondido pela cathedra do senhor patriarcha. Aos tumulos seguem-se emfim dois enormes orgãos, vistosos e magnificos, com tribuna doirada para os cantores.

Em baixo, os bancos dos conegos, recobertos de damasco e brocado.

Não sei se no chão ha lapides, porque a alcantifa encobre tudo.

A' capella-mór seguem-se, depois da capella de Sancta Maria Maior, de que já falei, e passando o arco da charola, e a actual capella de S. Vicente; a de Nossa Senhora da Apresentação, com pintura de Pedro Alexandrino, e a de Sancto Antonio, em cujo retabulo o mesmo artista o vestiu de menino do côro.

Alguns passos mais, e eis-nos na sachristia. E' um recinto vasto e muito composto e elegante; diga-se a verdade. Rutilam os marmores, e corre em volta da parede uma linha escura de armarios de pau sancto com leves ornamentos de bronze doirado.

Do lado do sul abrem-se quatro altas janellas, e em correspondencia outras quatro para a nave lateral do templo. O tecto é estucado, e moderadamente pintado com figurinhas religiosas allegoricas.

Entre as quatro janellas de cada lado vêem-se tres nichos com estatuas de marmore; a saber: Sancta Izabel, Sancto Antonio, S. Damasco, do

(1) Não era amigo dos fidalgos este fr. Alexandro da Paixão ou quem foi o auctor d'este livro. Benedictino ou dominicano — eu desconfio que elle pertencia nos de S. Domingos — é curiosa esta figura, que se esconde para nós na sombra, e que no seu tempo pertencia á opposição. Inimigo dos fidalgos, dos jesuitas, dos judeus e dos christãos novos, é fanatico, folga com os autos de fé, e applaude-os do coração. Em politica pertence ao partido do povo: não occulta as suas sympathias, e não se acurva perante a auctoridade do rei, o que é extraordinario, n'aquelle tempo em Portugal. Ha n'este livro um trecho audacissimo sobre a monarchia, que não faria escandallo na bocca d'um republicano dos nossos dias, mas que, escripto por um frade, e no tempo d'El-Rei Nosso Senhor, é realmente assombroso!

<sup>1</sup> Gasco, *Antig. de Lisboa*, fl. 299 v.

<sup>2</sup> *Memorias*, pag. 70.

lado do mar; e do fronteiro Sancta Engracia, S. João de Deus e S. Verissimo.

Ao topo da casa um altar com um grande Crucifixo; a este altar responde da parte do nascente uma fonte de marmores de côres, com tres bicas de bronze.

Ao centro do pavimento levanta-se uma meza, ou credencia, de marmore da arrabida, para preparo do calix e registo dos missaes.

Ao nascente da credencia lê-se esta inscripção tumular em campazera:

AQUI IAS O CORPO  
DO D.<sup>MO</sup> PANTALEAO  
RVIZ PACHECO QUE  
FOI CONEGO DE-TA  
S.<sup>SE</sup> SE DE LISBOA

As letras hoje illegiveis completa-as um antigo manuscrito, já citado d'esta maneira:

FALECEO AOS 3<sup>OS</sup> DE  
DEZEMBRO DE 1667.

Na mesma sachristia, ao pé do altar, está outra sepultura com este letreiro:

AQUI IAS O DOVTOUR IO  
AO DE AZEVEDO COLLE  
GIAL QUE FOI DO COLLE  
GIO REAL NA UNIVERSID  
ADE DE C. IMBRA LENTE  
DE PRIMA DE CANNONES  
IVBILADO E REC. NOVZI  
DO NA MESMA EAACULDA  
DE CONEGO DOVTOURAL  
NESTA SEE DO CONSELH  
O DE ELREI NOSSO SENH  
OR E DO GERAL DO SAN  
TO OFFICIO DEZEMBAR  
GADOR DO PACO FALEC  
EO EM 10 DE NOVEMBRO  
DE 1697

Além d'estas inscripções encontro n'um livro manuscrito de memorias já citadas a menção de outros lettreiros que não vejo. Por exemplo: defronte da casa dos armarios (não sei o que é) estava este epitaphio:

ESTA SEPULTURA HE DO D.<sup>MO</sup> DIOGO ROIS VALE E DE SEUS HERDEIROS FALECEO NA ERA 1556

(Lugar de um brazão)

Defronte da capella de S. Pedro este letreiro;

SEPULTURA DE ANT.<sup>O</sup>  
MENDES DE OLIVEIRA FI  
DALGO DA CASA DELREY  
NOSSO S.<sup>R.</sup>, E DE SEOS HER  
DEIROS. FALECEO EM DIA  
DE S. GONÇALLO DE 1572

Nas obras modernas da sé temos ainda que admirar.

E' a casa do capitulo, por exemplo, uma bella peça, que merece contemplada uma vez: puro estylo do seculo XVIII; colgaduras a oleo sobre caixilho, imitando razes; tecto alto estucado; sacadas nobres; um todo solemne de tribunal ecclesiastico: e ao meio a larga meza de oleado com saia de baeta vermelha, rodeada de poltronas bombalinas.

Foi n'esta mesma sala, que por distincção, certamente muito merecida, mandou o cabido da sé collocar os retratos de tres dos mais notaveis arcebispos que temos tido; a saber: D. Rodrigo da Cunha, D. Miguel de Castro, e D. Luiz de Sousa<sup>1</sup>. Como tudo são vicissitudes n'este mundo, já ao presente se não acham lá esses paineis. E é pena. Eram premios honorificos a bons servidores da patria!

E' tambem muito notavel a vista do coro alto (sobre a porta principal). O conjuncto abrangido d'alli é encantador, e d'esse ponto elevado é que a nave se ostenta em toda a sua grandeza.

Corre-se em roda a cochia dos varandins bysantinos, Tambem recommendo ao visitante esse passeio.

<sup>1</sup> *Hist. gen.*, t. XII, p. 1, pag. 541

D'ahi se domina a extensão do templo todo, o qual, conforme Bento Morganti, mede 66 palmos de largo, e de comprido, da porta principal até ao altar-mór, 264 palmos<sup>1</sup>. No fim do século XVI chamava-lhe o padre Sande *edificio de mui sumptuosa construção, antiquissimo e vastissimo, com tres torres: duas aos lados da porta principal, e a terceira por traz da capella mór*<sup>2</sup>.

*Vastissimo*, é que não. Quem entra em Alcobaca, quem admira Nossa Senhora de Paris, quem se abysma a contemplar S. Pedro de Roma, acha logo a differença.

Não me cahiu no chão certa phrase do diário da jornada do conde de Ourem a Basiléa, em 1436; comparando a nossa com a sé de Tarragona, diz o narrador: *esta see he pequena, que he assy como a de Lisboa*<sup>3</sup>.

Pequena, mas é, como poucas, um sanctuario de recordações, um archivo de primeira ordem.

E ignora-o o povo indifferente! e fingem ignorar-o os municipios! e fingem ignorar o os governos!

Que tremendas responsabilidades vão assumindo todos perante as gerações futuras!...

Quando eu lá do côro contemplava a capella-mór, estavam-me lembrando os muitos actos religiosos e politicos por ella presenciados desde seculos; e olhando para dentro da memoria, sentia um tropel de idéas confusas a pintarem-me as scenas historicas vistas por aquella mesma nave, e que todo e qualquer estudioso pôde tornar a ver quando interrogue com devoção patriótica os eccos do que lá vai!...

Continúa)

Julio de Castilho.

## NECROLOGIA



CONSELHEIRO  
ANTONIO PEQUITO SEIXAS D'ANDRADE

(Copia de uma photographia do sr. Antonio Geiffão)

No dia 3 de setembro falleceu na villa de Gavião o conselheiro Antonio Pequito Seixas d'Andrade Par do Reino vitalicio e Ministro de Estado Honorario.

Pequito Seixas não era bem uma individualidade politica, antes um propugnador de principios justos; por isso não se acha o seu nome vinculado a muitas das reformas ultimamente decretadas, pois tinha a convicção que a taes actos presidiam sempre conveniencias partidarias e nunca um principio de justiça. E, por que era seguida esta norma de governar, previa as suas funestas consequencias e lamentava que ao bem geral da nação se anteposse o egoismo partidario.

Dotado, pois, de uma probidade inconcusa, de uma austeridade de principios sãos e justos, de uma honradez que Alves Martins qualificára de «feroz», Pequito Seixas morreu abraçado ao seu ideal, descrendo dos homens e das suas obras.

Nascera n'aquella villa a 10 de agosto de 1819 e

era filho do desembargador João Pequito d'Andrade e de D. Perpetua Maria Ayres d'Oliveira Seixas. Concluiu a sua formatura em direito em 11 de julho de 1842, sendo o segundo premiado do curso.

Nomeado delegado do Procurador Regio para a comarca de Portalegre em 8 de julho de 1846, pouco tempo se demorou n'este lugar, pedindo a sua exoneração para livremente se entregar ao exercicio da advocacia onde em pouco tempo o seu nome se tornou celebre na defeza de pleitos de summa importancia.

Eleito deputado em 1851 pelo circulo de Portalegre, filiou-se no partido reformista e representou successivamente em côrtes os circulos do Sardoal e Niza até 1871.

Exerceu o cargo de chefe da 2.ª repartição no Ministerio da Justiça, vendo-se obrigado, por incommodo de saude, a pedir a sua demissão em abril de 1869.

Fez parte da commissão de revisão do projecto do «Codigo Civil», sendo por essa occasião agraciado com a carta de conselho. Em julho de 1868 foi chamado aos conselhos da corôa para fazer parte do ministerio presidido pelo Bispo de Vizeu, onde lhe foi confiada a pasta da Justiça, que geriu até agosto de 1869.

Durante a gerencia d'esta pasta foi agraciado pelo governo hespanhol com a grã-cruz de Carlos III.

A provincia da Beira e nomeadamente o districto de Coimbra deveu então a Antonio Pequito a sua libertação da celebre quadrilha de João Brandão, que infestava aquellas paragens, até ali protegida por governos e autoridades, fazendo-a perseguir e condemnar, escolhendo para isso magistrados de rigorosa austeridade e intransigencia no cumprimento dos deveres do seu cargo.

Com o pacto da Granja entrou Antonio Pequito Seixas d'Andrade no partido progressista, em cujas luctas tomou parte activa, como membro da camara alta, até 1890, conservando-se de então para cá afastado da politica, mas fiel ás tradições liberaes do seu partido, quer notando o que lhe parecia injusto e menos patriótico, quer fazendo ouvir a sua voz em prol do que sempre julgou para bem do seu paiz.

A um caracter justo não podiam deixar de aliar-se os mais nobres sentimentos de caridade e philantropia: assim, dotou a misericordia de Gavião com oito contos de réis; á sua porta nunca a indigencia bateu em vão; a sua casa era quasi transformada em asylo de invalidos; e em testamento deixou um donativo perpetuo annual para ser dado á alumna pobre que mais se distinguir na escola publica da sua freguezia.



CONDE DE ALMEDINA

FALLECIDO EM 26 DE SETEMBRO DE 1895

Delphim Deodado Guedes, 1.º conde de Almedina, que a morte, prematuramente, derrubou no dia 26 de setembro ultimo, na Villa de Cascaes, nasceu em Santo Thyrsó a 18 de novembro de 1842, pelo que não tinha ainda 53 annos completos.

Estudante ainda na Universidade de Coimbra, onde se formou em Direito, em 1869, mostrou grande vocação para o cultivo das bellas artes e foi um dos discipulos mais distinctos do notavel pintor animalista, e professor da Academia de Bellas Artes, Thomaz José da Anunciação, dedicando-se com verdadeiro amor á pintura e principalmente á anguarella em que produziu obras distinctas.

Dotado de bastos meios de fortuna, trabalhava por amor á arte o que lhe permittiu ser considerado entre os primeiros amadores portugueses.

Foi assim que, tendo fallecido em 1878, o marquez de Sousa Holstein inspector da Academia de Bellas Artes á qual prestou relevantes serviços, o governo escolheu o sr. Delphim Guedes para aquelle logar como o mais competente.

De facto a passagem do sr. Delphim Guedes pela Academia de Bellas Artes não foi esteril para a arte portugueza, procurando por todos os modos promover-lhe o seu adiantamento, já reorganizando a antiga Sociedade Promotora das Bellas Artes em Portugal, de que conseguiu realizar ainda algumas exposições annuaes de bellas artes, já animando os artistas e enriquecendo as galerias da Academia com a aquisição de quadros de valor, devendo-se em grande parte ao seu esforço a criação do Museu de Bellas Artes, em 1882.

Para esse fim alugou o governo o palacio dos srs. marquezes de Pombal, ás Janellas Verdes, onde por muitos annos residiu a fallecida imperatriz D. Amelia, viuva de D. Pedro IV.

Aquelle museu inaugurou-se por assim dizer, com a Exposição de Arte Antiga por occasião do centenário do Marquez de Pombal, e n'essa exposição o sr. Delphim Guedes tomou parte importante nos trabalhos, pelo que o governo houve por bem agraciá-lo com o titulo de Conde de Almedina.

A este titulo juntava o sr. Delphim Guedes o de commendador de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, official da Ordem de S. Thiago do merito scientifico, litterario e artistico, Gran Cruz da Ordem de Izabel a Catholica e da Corôa de Leão, e o habito de Aviz.

O sr. conde de Almedina, casado em segundas nupcias com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Anna Luiza Guimarães, deu, no seu palacio da Avenida da Liberdade festas brilhantes das mais luzidas que se tem realisado nos salões de Lisboa.

Apesar da sua saude se achar bastante abalada ha annos a esta parte, a sua paixão pelas bellas artes não o abandonou, e ainda, nas ultimas exposições do *Gremio Artístico*, se viu grande collecção de quadros, em diferentes generos, producto das suas horas de estudo e de trabalho.

O sr. conde de Almedina tomou parte muito activa na organização da ultima exposição de Arte Sacra Ornamental realisada por occasião do centenário Antonino, e o excesso de trabalho que então teve, affectou bastante a sua saude abalada, ficando doente, doença que teve o seu fatal epilogo na morte.

## ESMOLA

Para solemnisar o auspicioso enlace da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Angelina Ferreira Carmo Calheiros com o ex.<sup>mo</sup> sr. Henrique Celestino Soares de Sousa Calheiros, recebemos 50000 réis para serem distribuidos pelos pobres, o que fizemos da seguinte fórma:

Maria Rosa Madeira, viuva, com 70 annos, pateo da Palmeira, n.º 37.....	10000
Maria da Gloria, solteira, com 60 annos, travessa do Noronha, 9.....	10000
Joseph da Conceição, viuva, 65 annos, rua Luz Soriano, 148.....	10000
Julia das Dôres, viuva, 80 annos, rua da Bica de Duarte Bello, 66.....	10000
Adelaide Maria Balthasar, solteira, 65 annos, convento de Santa Joanna.....	10000
	50000

Em nome d'estes infelizes agradecemos aos illustres nubentes, que tão christãmente souberam celebrar as alegrias de seu noivado, lembrando-se dos desprotegidos da sorte.

Almanach illustrado do «OCCIDENTE»  
para 1886

Está no prélo e prestes a sahir a publico este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras

Recebem-se desde já encomendas na

Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 53

<sup>1</sup> Bento Morganti, *Descripção funebre das exequias d'el-rei D. João V.*

<sup>2</sup> Lisboa em 1584—Arch. Pitt.—t. VI, pag. 91.

<sup>3</sup> Hist. gen.—Provas—t. V, pag. 578.